

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

ANO 3 - NUMERO 4 - JANEIRO A JUNHO 2006

[início](#)

DE OCEANOS E DESERTOS: PAIXÃO E DESEJO NA MÚSICA DE DJAVAN¹

Luciana Marino do Nascimento
UFAC

*Dedico este artigo a
Aline Cristina Nascimento, infinito do meu oceano
feminino, que se inscreveu na minha história.*

ABSTRACT – This paper intends to present some reflections about the image of love in the song “Oceano” by Djavan based on the studies of Octavio Paz concerning the relations between poetry, love and eroticism.

Com Copérnico, o homem deixou de estar no centro do universo. Com Darwin, o homem deixou de ser o centro do reino animal. Com Marx, o homem deixou de ser o centro da história (que, aliás, não possui um centro). Com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo.
(Eduardo Prado Coelho)

Conforme postulou o escritor Jorge Luis Borges (1998), todos os poemas e romances escritos ao longo dos tempos não fizeram outra coisa a não ser repetir em versos infinitos os mesmos temas. Paixão e desejo são temas recorrentes ao longo da cultura e da literatura ocidentais e, sem dúvida, percorrem a MPB de um Djavan. O título deste artigo já remete em si para o texto musical do autor – “Oceano”.

Estão em cena, portanto, paixão, amor, desejo e a presença do outro como complemento.

Se a Ciência Médica na Grécia Antiga já postulou que o amor e a paixão nascem no fígado, posteriormente afirmou-se que nascem no cérebro, através do olhar, que envia estímulos para o primeiro (SCLIAR, 1996). Seja como for, a idéia de amor encontra-se tão presente na literatura, no cinema, no teatro, na telenovela, como na música e ao longo da tradição ocidental encontra seus

primeiros ecos nos Diálogos de Platão (1979). Nos postulados do Filósofo Grego, o Amor era filho da Penúria e da Abundância – algo que escapava ao plano imediato das coisas deste mundo, como é descrito em *O banquete*, no qual entram em cena Eros e o desejo de continuação do sentimento e também o amor contemplativo nas palavras sublimes da sacerdotisa Diotima.

Já na tradição Cristã, podemos ler nas Cartas de São Paulo uma acepção de amor agápico, universal, sob a luz da caridade e da fraternidade, ou seja, um amor desapegado do corpo. Recordemos a música de Renato Russo, “Monte Castelo”, na qual ele recria a Carta bíblica de São Paulo e as concepções de amor camoniana e agostiniana: “Ainda que eu falasse a língua dos Anjos, que falasse a Língua dos homens, eu nada seria sem o Amor...”.

E é entre o apelo de Eros e o sublime cristão que Djavan poetiza² e recria o amor na nossa contemporaneidade. Investindo numa poética do corpo, da paixão e do erótico, que desliza nos elementos da natureza, o músico alagoano assim abre sua famosa canção “Oceano”:

Assim que o dia amanheceu, lá no mar alto da paixão,
Dava pra ver o tempo ruir,
Cadê você que solidão, esquecera de mim.
Enfim de tudo o que há na terra não há nada em lugar nenhum
Que vá crescer sem você chegar.

Circunscrita sob a metáfora do mar, a paixão djavaneana clama pela ausência do outro. Quando nos remetemos à metáfora, aludimos à origem da palavra grega *Metá-fora*, no sentido de transportar algo. E, na canção, há um transporte feito através do olhar do sujeito para um lugar de busca desse outro, que representa algo necessário tanto para a vida desse sujeito poético como também para a natureza:

Enfim de tudo o que há na terra,
não há nada em lugar nenhum,
que vá crescer sem você chegar.

Nesses versos está, pois, em cena, a visão do feminino como mulher, mãe, matriz geradora. Matriz ou útero, eis o signo gerador de sentidos que marca a presença e o corpo feminino nesse oceano de paixões. Freudianamente, o sujeito poético deseja essa matriz como aconchego e proteção (FREUD, 1976). Segundo Freud, todo o processo inconsciente da sexualidade, sob a as amarras do superego, consiste em desviar o primeiro apetite sexual, que é transformado em inclinação erótica, dirigindo-o para um objeto distinto que substitui o pai ou a mãe. (FREUD, 1976, p. 46)

Para o médico psicanalista austríaco, a paixão é um jogo de reflexo, uma atividade lúdica, uma escolha, pois cremos que estamos amando a B, seu corpo e sua alma, mas na realidade ama-se a imagem C em B. Sexualismo fantasmagórico que torna tudo o que tange em sombra e imagem. (FREUD, 1976, p. 55)

Na canção “Oceano”, temos o corpo feminino, objeto de desejo não só erótico, mas também sublime, ao se evocar a mulher como senhora e repositório da vida em sua dimensão de terra e origem. A ausência dessa paixão é vista tanto com os olhos da matéria, como também com os olhos de um espírito que anseia pelo outro, num incessante desejo gregário, configurado numa “harmonia de círculos concêntricos”, que agrega uma dupla chama de amor e erotismo (PAZ, 1994):

Longe de ti tudo parou,
Ninguém sabe o que eu sofri.
Amar é um deserto e seus temores,
Vida que vai na cela dessas dores,
Não sabe voltar .

Sublimemente, sexo, paixão, amor, aconchego, a presença do outro na ausência encenam uma relação sexual fantasmagórica, com a transformação do sujeito poético em oceano, onde o gozo feminino se concretiza (deságua), ocorrendo o que Freud denominou de “pequena morte” (FREUD, 1976, p. 80). Ou seja, todo ato extremo de paixão e amor é profundamente marcado por um sentimento de aniquilamento de si mesmo, acompanhado do desejo de reafirmar a vida através da fusão com o outro, como podemos ler nas palavras de Djavan:

Me dá teu calor,
Vem me fazer feliz porque eu te amo,
Você deságua em mim e eu Oceano,
E esqueço que amar é quase uma dor.
Só sei VI-VER se for com VO-CÊ

Octavio Paz, em *A dupla chama, amor e erotismo*, nos mostra que o corpo é uma presença desejada, ainda que no ato sexual abracemos fantasmas, apesar de nosso parceiro ter nome e identidade. Mas o encontro erótico realiza a dissolução dos corpos, fazendo com que os amantes toquem “o impalpável” e retornem às origens. E o sentimento da ausência do outro faz do amor “a suprema ventura e a desgraça suprema” (PAZ, 1994, p. 187), como se pode observar nos versos da música de Djavan, nos quais o eu deseja o outro e ausência deste provoca no sujeito a dor e a impossibilidade de viver.

Djavan, em mais um de seus arranjos inusitados, coloca o eu lírico na posição de oceano, denotando bem a amplitude profunda da paixão, que torna-se oceano e deserto e é “reconciliação com a totalidade que é o mundo” (PAZ, 1994, p. 196). O amor como forma de ultrapassar os limites, que culmina na fusão com o outro, é encenado sob a aura de uma presença funda e constante e é temática que percorre não só “Oceano”, como todo o cancionário de Djavan.

NOTAS

1 Meus agradecimentos aos acadêmicos de Medicina, meus orientandos/Bolsitas do PIBIC/CNPQ no projeto “Saúde, imaginário e linguagem”, que muito contribuíram com variadas reflexões sobre o amor e a paixão: Gledson Machado, Saulo Rodrigo Cunha e Daniel Orlando. Como futuros médicos, jamais deixarão de considerar os efeitos da paixão na vida e na saúde de seus pacientes.

2 Consideramos as letras de música como textos poéticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In: _____. *Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1998.

DJAVAN. *Ao Vivo* . Vol. 1. Sony, 2001.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* . Rio de Janeiro: Imago, 1976.

PAZ, Octavio. *A dupla chama, amor e erotismo* . São Paulo: Sciliano, 1994.

PLATÃO. *O banquete* . São Paulo: Abril, 1979.

SCLIAR, M. *A paixão transformada* . História da Medicina na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.